

Necessidades Especiais de Educação

O Terapeuta da Fala em Contexto Escolar



 Direção-Geral da Educação

 POA FSE ER

 QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICA NACIONAL

 PORTUGAL 2020

 UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu

 GOVERNO DE PORTUGAL

 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

 Direção-Geral da Educação

 Centro de Reabilitação Profissional de Gata

Gerir, Conhecer e Intervir

Ficha Técnica

Título

Necessidades Especiais de Educação
O Terapeuta da Fala em Contexto Escolar

Editor

DGE - Direção-Geral da Educação
Direção de Serviços de Educação Especial e de Apoios Socioeducativos

Autoria

CRPG - Centro de Reabilitação Profissional de Gaia

Equipa de trabalho

Jerónimo Sousa (coord.)
Isabel Costa (coord.)
Andreia Mota
Diana Lisboa
Pedro Quintas
Sandra Ferreira
Sérgio Fabela

Colaboração

Associação do Porto de Paralisia Cerebral - Centro de Recursos para a Inclusão

Design da Capa

Isabel Espinheira / Direção-Geral da Educação

Impressão

Editora CERCICA
Rua Principal 320-320A, Livramento
2765-383 Estoril

ISBN

978-972-742-389-7

Depósito Legal

399782/15

2015

Para facilitar a leitura, e apenas quando não é possível adotar linguagem neutra, são utilizados certos termos no masculino para designar, indistintamente, os géneros feminino e masculino.

ENQUADRAMENTO

Os Centros de Recursos para a Inclusão (CRI) são reconhecidos como um pilar essencial para a implementação do modelo de educação inclusiva dos alunos com Necessidades Especiais de Educação (NEE)¹. Suportando a sua ação, os CRI dispõem de equipas técnicas constituídas por fisioterapeutas, psicólogos, terapeutas da fala e terapeutas ocupacionais, entre outros.

Sendo inquestionável o modelo de educação inclusiva, bem como a importância dos CRI, coloca-se então aos seus profissionais a questão-chave sobre o modo de organizar e operacionalizar as suas práticas assegurando uma colaboração alinhada com esse modelo.

Com esta brochura pretende-se clarificar o papel do terapeuta da fala enquanto profissional que integra a equipa pedagógica e de apoio ao aluno.

Neste âmbito, a abordagem é centrada no aluno e na interação entre este e os ambientes nos quais participa, visando otimizar o seu potencial de aprendizagem e o seu desenvolvimento integral, promovendo a inclusão.



Fig. 1. Adaptação do Modelo de Bronfenbrenner² à interação do aluno com os contextos, nas suas áreas de ocupação

O TERAPEUTA DA FALA

Em educação inclusiva, o terapeuta da fala assume particular relevância dada a estreita relação das competências comunicativas e linguísticas, com a aprendizagem e a interação social³.

Centra-se no “desenvolvimento de atividades no âmbito da prevenção, avaliação e tratamento das perturbações da comunicação humana, englobando não só todas as funções associadas à compreensão e expressão da linguagem oral e escrita mas também outras formas de comunicação não-verbal⁴”, acrescentando as perturbações relacionadas com a deglutição e alimentação⁵.

O terapeuta da fala contribui para a definição e implementação de programas educativos, tendo em conta as potencialidades, expectativas e necessidades do aluno bem como as características dos ambientes, que facilitam ou comprometem o seu **desempenho ao nível da comunicação, linguagem, entre outros.**

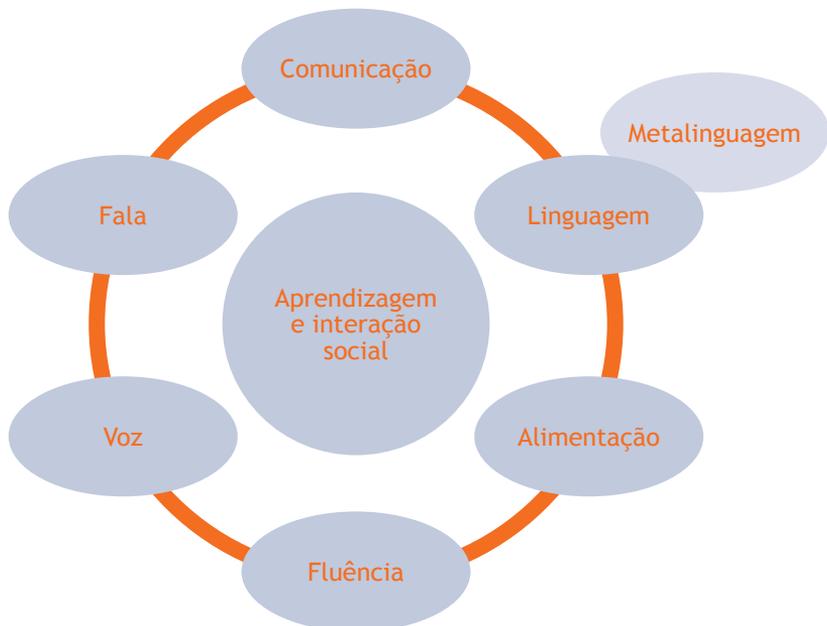


Fig. 2. Contextos de Intervenção

O CONTRIBUTO DO TERAPEUTA DA FALA NAS FASES DE AVALIAÇÃO, PLANEAMENTO E INTERVENÇÃO

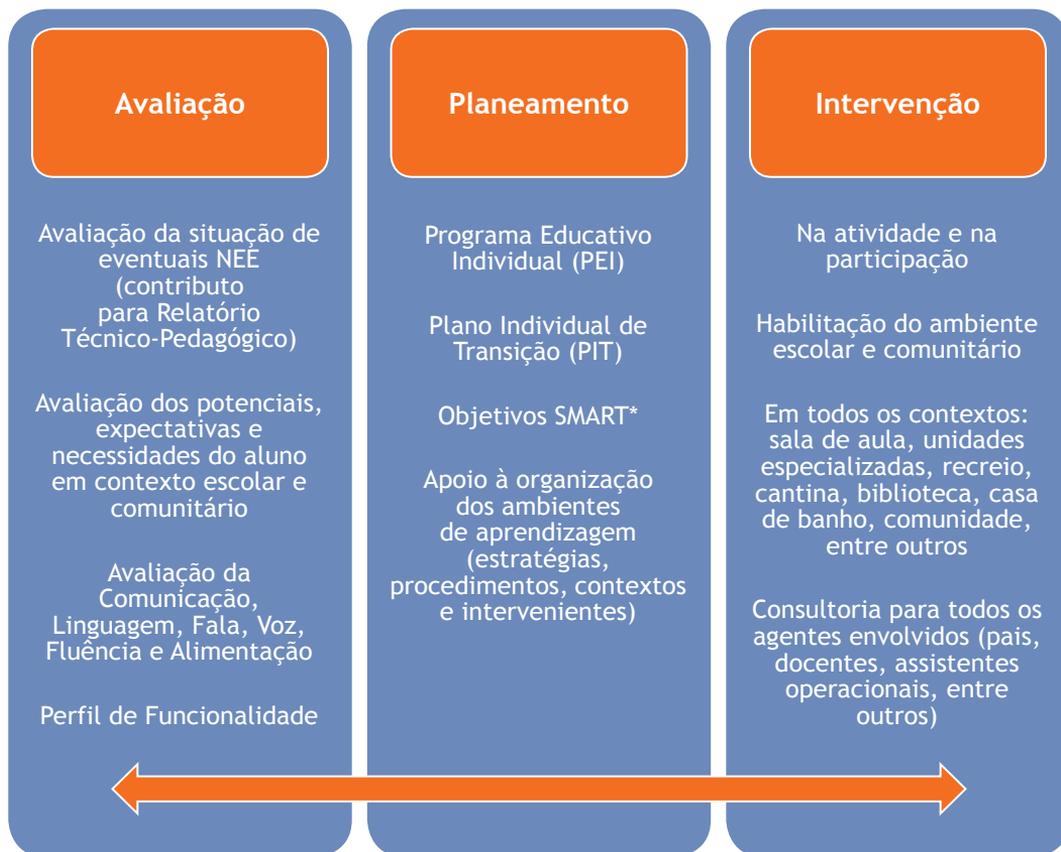


Fig. 3. Modalidades de intervenção do terapeuta da fala em contexto escolar

* Objetivos Específicos, Mensuráveis, Alcançáveis, Realistas, Temporais

A avaliação e intervenção nos reais contextos de vida asseguram uma melhor compreensão dos potenciais do aluno, a generalização das aprendizagens, eliminação de barreiras bem como a universalidade das estratégias facilitadoras ao nível da comunicação, linguagem, fala e outros.

As práticas inclusivas são, de facto, uma abordagem efetiva de intervenção da Terapia da Fala⁶.

TRABALHO EM EQUIPA

Sob um paradigma inclusivo que prevê a igualdade de oportunidades, preconiza-se o trabalho em equipa onde todos os intervenientes, na sua especificidade, se complementam de forma a desenvolver uma perspetiva holística do aluno e a delinear e implementar abordagens e metas comuns.

O aluno fará parte desta equipa, sempre que possível, envolvendo-se na definição de objetivos e de estratégias.

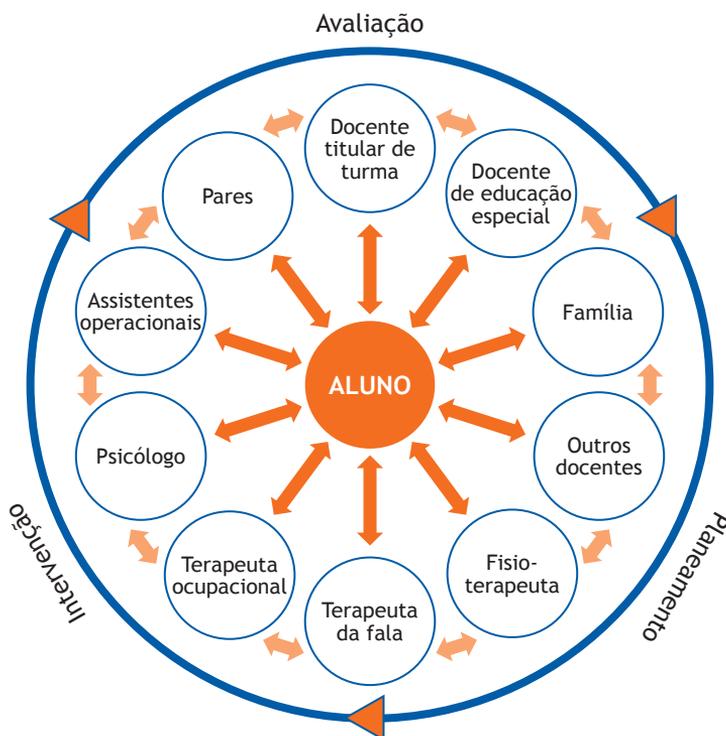


Fig. 4. Modelo colaborativo⁷

Exemplo

O terapeuta da fala, em conjunto com a equipa pedagógica, avalia potencialidades, expectativas e necessidades, desenha, implementa e avalia um programa educativo, com vista à melhoria da comunicação do aluno.

Procedimentos/estratégias:

- Compreender como o aluno comunica (ex.: fala, comunicação não verbal), o que consegue e não consegue comunicar mas que é desejável nos diferentes ambientes (ex.: sala de aula, recreio), com quem comunica (ex.: professores, pares), quais as estratégias que facilitam a comunicação, bem como quais as barreiras a eliminar (ex.: atitudes).
- Definir um programa educativo que identifique as competências ao nível da comunicação a serem trabalhadas, os suportes necessários (ex.: sistemas de comunicação aumentativos e/ou alternativos), as oportunidades a serem criadas no quotidiano para a integração e generalização das aprendizagens e as estratégias a implementar nos ambientes em que a comunicação ocorre.

Resultados:

- Desenvolvimento do potencial comunicativo do aluno, em múltiplos contextos e com múltiplos parceiros.

MODALIDADES DE INTERVENÇÃO

A intervenção do terapeuta da fala, em contexto inclusivo, decorre não só da intervenção direta com o aluno mas, sobretudo, da habilitação do ambiente, isto é, da criação de suporte e oportunidades de participação (ex.: estratégias de ensino, atitudes, interação e relacionamentos, produtos e tecnologias de apoio). A intervenção do terapeuta da fala poderá ser desenvolvida em três modalidades distintas: apoio de consultoria, apoio em grupo e apoio individual.

Na sua atuação deve considerar:



Fig. 6. Considerações na atuação do terapeuta da fala em contexto escolar

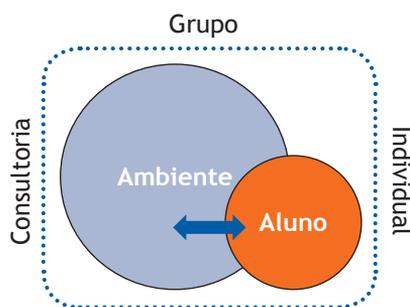


Fig. 5. Modalidades de intervenção da equipa interdisciplinar no contexto escolar

Modalidades de intervenção em contexto escolar

	Quando?	Como?	Onde?	Exemplos
Consultoria	Sempre que o âmbito de atuação passe pelo apoio de retaguarda a pais, pares e profissionais	Trabalho colaborativo com os agentes educativos Estratégias formais e informais: reuniões, ações de formação, conversas informais, contactos telefónicos e por <i>e-mail</i>	Em sala de reuniões/ formação e nos restantes contextos escolares, entre outros	Ações de sensibilização e in/ formação sobre comunicação aumentativa e alternativa
Grupo	Sempre que o desenvolvimento das competências passe pelo contributo dos pares	Dinâmicas de grupo Dinâmica de pares/ tutoria	Sala de aula, recreio, cantina, biblioteca, entre outros	Desenvolvimento de atividades no recreio que possibilitem a integração de conceitos linguísticos
Individual	Apenas para desenvolver competências específicas com o objetivo de serem generalizadas	Treino de competências (ex.: consciência fonológica, alimentação, produção verbal oral e escrita)	Sala de aula, sala de apoio, recreio, biblioteca, entre outros	Realização de atividades dirigidas que impliquem a discriminação fonológica e correspondência fonema-grafema.

Fig. 7 Modalidades de intervenção do terapeuta da fala em contexto escolar

Exemplo

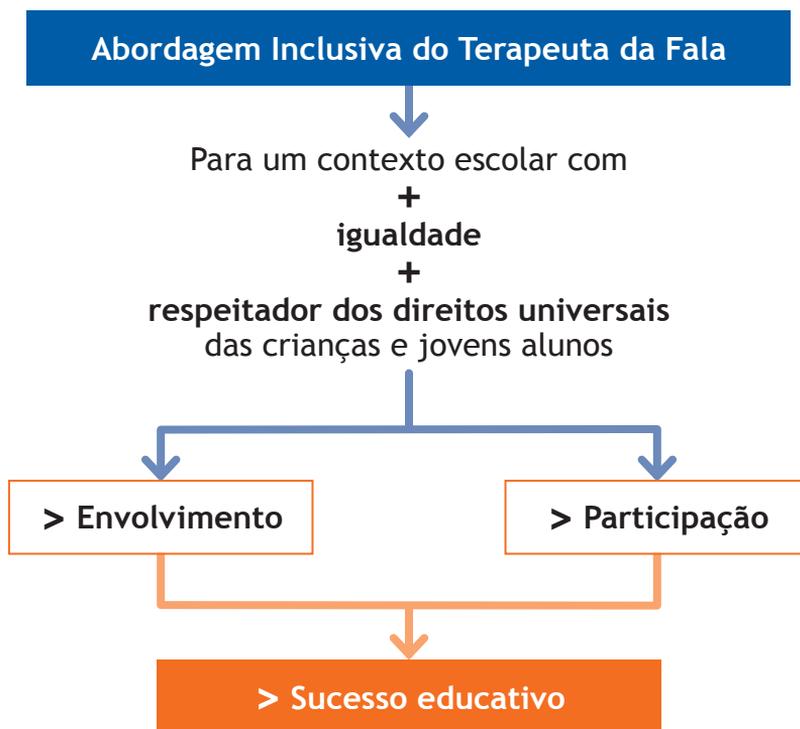
O terapeuta da fala facilita a participação do aluno, em contexto sala de aula, ao nível da comunicação, compreensão e expressão linguística.

- **Apoio de Consultoria:** análise conjunta, com os docentes, acerca do desempenho do aluno nas diversas áreas académicas (ex.: português, matemática, expressões); definição de estratégias a adotar com vista ao sucesso académico (ex.: antecipação e reforço dos conteúdos através de pistas visuais, uso de símbolos para facilitar a compreensão da linguagem) e identificação de facilitadores e barreiras em cada contexto (ex.: atitudes de pares e profissionais).

- **Apoio em Grupo:** sugestão e criação de dinâmicas de grupo, em contexto de sala de aula, sobre temas variados com vista ao enriquecimento linguístico e facilitação da comunicação entre os pares e docentes, indo ao encontro da idade cronológica e dos interesses dos alunos.

- **Apoio Individual:** levantamento de necessidades, identificação de estratégias e criação de materiais, com o aluno, que suportem a sua participação em contexto de sala de aula.

Resultados: Desenvolvimento do potencial comunicativo e linguístico do aluno. Capacitação do grupo turma e dos docentes para a criação diária de momentos de participação do aluno em sala de aula. Sucesso nas diferentes áreas académicas.



A melhoria contínua do funcionamento da parceria entre os Agrupamentos de Escolas/Escolas e os CRI corresponsabiliza os profissionais no sentido de desenvolverem e registarem práticas baseadas em evidências científicas.

1. Sousa, Jerónimo; Mota, Andreia; Dolgner, Joana; Teixeira, Pedro; Fabela, Sérgio. (2014). *Avaliação das Políticas Públicas - Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Especiais: O Caso dos Centros de Recursos para a Inclusão*. Centro de Reabilitação Profissional de Gaia.
2. Johnson, E. S. (2008). Ecological Systems and Complexity Theory: toward an alternative model of Accountability in Education. *International Journal of Complexity and Education*.
3. American Speech-Language-Hearing Association. (s/d). *The Role of the SLP in schools - a presentation for teachers, administrators, parents and the community*. Disponível em <http://www.asha.org>
4. Decreto-Lei n.º 564/1999, de 21 de dezembro
5. American Speech-Language-Hearing Association. (2007). *Scope of Practice in Speech-Language Pathology [Scope of Practice]*. Disponível em www.asha.org/policy
6. Mills, M.J. (2004) *Inclusive Practices for Speech-Language Pathologists*. Disponível em <http://education.wm.edu/centers/ttac/documents/packets/inclusivepracticesforspeech.pdf>
7. Friend, M., & Cook, L. (2000). *Interactions: collaboration skills for school professionals*. New York: Addison Wesley Longman.

